



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA

Quarta-feira 5 de Maio de 1999

O diálogo com o Islão

Caríssimos Irmãos e Irmãs:

1. Aprofundando o tema do diálogo inter-religioso, reflectimos hoje sobre o diálogo com os muçulmanos, que «adoram connosco um Deus único e misericordioso» (*Lumen gentium*, 16; cf. *Catecismo da Igreja Católica [CIC]*, 841). Para eles a Igreja olha com estima, convicta de que a sua fé em Deus transcendente concorre para a construção de uma nova família humana, fundada sobre as mais altas aspirações do coração do homem.

Também os muçulmanos, como os judeus e os cristãos, olham para a figura de Abraão como para um modelo de incondicionada submissão aos decretos de Deus (cf. *Nostra aetate*, 3). A exemplo de Abraão, os fiéis esforçam-se por reconhecer na própria vida o lugar que compete a Deus, origem, mestre, guia e fim último de todos os seres (cf. Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso, *Mensagem aos muçulmanos para o fim do Ramadã 1417/1997*). Esta disponibilidade e abertura humana à vontade de Deus traduz-se em atitude de oração, que exprime a situação existencial de toda a pessoa diante do Criador.

Na trajectória da submissão de Abraão à vontade divina encontra-se a sua descendente, a Virgem Maria, Mãe de Jesus que, especialmente na piedade popular, é invocada com devoção também pelos muçulmanos.

2. Com alegria, nós cristãos reconhecemos os valores religiosos que temos em comum com o Islão. Desejaria hoje retomar aquilo que, há alguns anos, eu disse aos jovens muçulmanos em

Casablanca: «Nós cremos no mesmo Deus, o Deus único, o Deus vivo, o Deus que cria os mundos e leva as suas criaturas à própria perfeição» (*L'Osserv. Rom.*, ed. port. de 15/9/1995, pág. 10). O património dos textos revelados da Bíblia fala com voz unânime da unicidade de Deus. Jesus mesmo reafirma-o, fazendo sua a profissão de Israel: «O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor» (*Mc* 12, 29; cf. *Dt* 6, 4-5). É a unicidade afirmada também nestas palavras de louvor, que brotam do coração do apóstolo Paulo: «Ao Rei dos séculos, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém» (*1 Tm* 1, 17).

Sabemos que, à luz da plena revelação em Cristo, essa unicidade misteriosa não se reduz a uma unidade numérica. O mistério cristão faz-nos contemplar na unidade substancial de Deus as pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo: cada uma em posse da inteira e indivisível substância divina, mas uma distinta da outra em virtude da relação recíproca.

3. As relações não atenuam de modo algum a unidade divina, como explica o Concílio Lateranense IV (1215): «Cada uma das três Pessoas é aquela Realidade, isto é, substância, essência ou natureza divina... Ela não gera, não é gerada nem procede... » (*DS*, 804). A doutrina cristã sobre a Trindade, ratificada pelos Concílios, é explícita na rejeição de qualquer «triteísmo» ou «politeísmo». Neste sentido, ou seja, em referência à única substância divina, há uma significativa correspondência entre Cristianismo e Islão.

Essa correspondência, porém, não deve fazer esquecer as diversidades entre as duas religiões. Com efeito, sabemos que a unidade de Deus se exprime no mistério das três Pessoas divinas. Sendo de facto *Amor* (cf. *1 Jo* 4, 8), Deus é desde sempre Pai que Se dá inteiramente ao gerar o Filho, ambos unidos numa comunhão de amor que é o Espírito Santo. Esta distinção e compenetração (*pericóresi*) das três Pessoas divinas não se acrescenta à sua unidade, mas é a sua expressão mais profunda e caracterizadora.

Por outro lado, não se deve esquecer que o monoteísmo trinitário típico do cristianismo permanece um mistério inacessível à razão humana que, contudo, é chamada a aceitar a revelação da íntima natureza de Deus (cf. *CIC*, 237). 4. Grande sinal de esperança é o diálogo inter-religioso, que conduz a um mais profundo conhecimento e estima do outro (cf. Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso, *Mensagem aos muçulmanos para o fim do Ramadã* 1418/1998). As duas tradições, cristã e muçulmana, têm uma longa história de estudo, reflexão filosófica e teológica, arte, literatura e ciência, que deixou as suas marcas nas culturas ocidentais e orientais. A adoração ao Deus único, Criador de todos, encoraja-nos a intensificar no futuro o nosso conhecimento recíproco.

No mundo de hoje, marcado tragicamente pelo esquecimento de Deus, cristãos e muçulmanos são chamados a defender e promover sempre, num espírito de amor, a dignidade humana, os valores morais e a liberdade. A comum peregrinação rumo à eternidade deve exprimir-se na oração, no jejum e na caridade, mas também num solidário empenho pela paz e a justiça, pela

promoção humana e a protecção do meio ambiente. Ao percorrerem juntas o caminho da reconciliação e ao renunciarem, na humilde submissão à vontade divina, a qualquer forma de violência como meio para resolver as divergências, as duas religiões poderão oferecer um sinal de esperança, fazendo brilhar no mundo a sabedoria e a misericórdia daquele único Deus que criou e governa a família humana.

Apelo

Nestes dias, na sede das Nações Unidas em Nova Iorque realiza-se uma importante reunião acerca da aplicação de quanto foi decidido na Conferência do Cairo, em 1994.

Nessa ocasião, a Santa Sé recordou com insistência que a pessoa humana deve ser colocada no centro de todo o programa de desenvolvimento. Isto comporta que a solução dos problemas relativos à população deve respeitar a dignidade de cada ser humano e, ao mesmo tempo, promover os seus direitos fundamentais, primeiro dentre todos o direito à vida. A este se deve acrescentar o direito à saúde e à educação, envolvendo a família no seu insubstituível papel de sujeito que propõe valores humanos, espirituais e morais.

A cinco anos da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, é necessário que os Governos renovem os compromissos assinados para assegurar um autêntico e duradouro progresso humano.

Saudações especiais

Caríssimos Irmãos e Irmãs

Saúdo com particular afecto e com sentimentos de paz e de alegria, os peregrinos e ouvintes de língua portuguesa, nomeadamente os visitantes provindos de Fátima, e a todos convido a manter vivo o amor à Virgem Maria, nossa maternal intercessora diante de Deus, ao mesmo tempo que lhes concedo a minha Bênção Apostólica.

Caros Irmãos no Episcopado da Igreja arménio-católica! Uma vez que realizais no Vaticano um Sínodo consagrado a importantes questões concernentes à vida das vossas comunidades, a Igreja está grata ao vosso povo pelo seu testemunho de fidelidade dado a Cristo, e alegra-se com a celebração do 1.700º aniversário da própria evangelização. É com coragem, fé, entusiasmo e na oração que sois chamados a um novo impulso apostólico. O vosso povo espera uma palavra firme e gestos concretos que a confirmem.

A Sua Beatitude Jean-Pierre XVIII, Patriarca da Cilícia dos Arménios e a todos os Bispos, desejo um trabalho frutuoso: invoco sobre eles a ajuda do Espírito Santo, para que conceda força e

coragem à Comunidade arménio-católica, nesta importante viragem da sua história.

Acolho com prazer também todos os peregrinos de língua francesa aqui presentes, e concedo-lhes do íntimo do coração a Bênção Apostólica.

Dou especiais boas-vindas aos membros da Federação Bíblica Católica, que estão a celebrar o XXX aniversário da sua fundação, e encorajo todos vós a fazer o possível para assegurar que as inexauríveis riquezas da palavra de Deus se tornem cada vez mais verdadeiramente o centro da oração e da vida quotidiana dos fiéis cristãos. Sobre os peregrinos e visitantes de expressão inglesa, de modo especial da Inglaterra, das Filipinas, do Japão e dos Estados Unidos da América, invoco a alegria e a paz do Salvador res-suscitado.

Saúdo com afecto os peregrinos de língua espanhola, de modo particular os representantes das populações de São Fulgêncio (Alicante) e Blanca (Múrcia) geminadas, respectivamente, com as cidades italianas de Sermoneta e Anguillara. Estendo também a minha saudação aos grupos provenientes do México, da Venezuela, do Chile, do Uruguai e dos demais Países da América Latina. Sobre todos vós e as vossas famílias invoco a abundância da graça divina e abençoo-vos de coração.

Depois de amanhã irei à Roménia. É a primeira vez que vou a um país onde os cristãos são na maioria ortodoxos. Desde agora envio a minha saudação a todos, contente por esta viagem que tem em vista confirmar os vínculos entre a Roménia e a Santa Sé, que tiveram tanto relevo para a história do cristianismo nessa imensa região. Vou até vós no nome de Cristo, no limiar do terceiro milénio. Aos fiéis da Igreja ortodoxa e da Igreja católica da Roménia desejo alegria e paz no Senhor ressuscitado. Dilectos romenos, aguardo com alegria poder estar no meio de vós. E a todos confirmo o meu afecto e a minha estima.

Queridos peregrinos da República Tcheca! Dou as minhas boas-vindas aos membros do Cabido Colegial Régio dos Santos Pedro e Paulo, de Vyýehrad, e aos peregrinos de Prostijov! Amanhã celebraremos a festa de São João Sarkander. Este Sacerdote soube viver do Mistério pascal: o Salvador foi para ele força também no martírio. Possais também vós haurir sempre a força da Cruz de Cristo e da sua Ressurreição. Abençoo de coração todos vós e os vossos entes queridos. Louvado seja Jesus Cristo!

Caros Irmãos e Irmãs, no Verbo que Se fez carne e habitou entre nós (cf. *Jo* 1, 14) o Pai quis dar, de maneira visível, testemunho da sua proximidade a cada homem: proximidade que salva e é cheia de amor, mostrando-lhe ao mesmo tempo que «o Seu mandamento é a vida eterna» (*Jo* 12, 50). O Filho, que é «um só» com o Pai (cf. *Jo* 10, 30), revelou-nos o rosto misericordioso do Pai. Saúdo de coração todos os peregrinos croatas, invocando sobre eles a bênção de Deus. Louvados sejam Jesus e Maria!

Dirijo agora uma saudação aos peregrinos de língua italiana e, de modo especial, aos Jovens, aos Doentes e aos jovens Casais, e convido-os a renovar, neste mês de Maio há pouco iniciado, a sua devoção a Nossa Senhora. A vós, caros jovens, faço votos por que conheçais Maria de maneira mais profunda, entrando em intimidade com Ela, para a acolherdes como Mãe espiritual e modelo de fidelidade a Cristo. Confio-vos, queridos doentes, à «*Salus infirmorum*»: a sua proximidade vos ajude a viver com paciente amor também as horas da doença e da provação. Vós, prezados jovens esposos, aprendei da Virgem de Nazaré o estilo evangélico da família, marcado pela humilde docilidade à Palavra de Deus e pelo amor recíproco, fiel e sincero.